



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de inauguração da
Hidrovia Madeira-Amazonas e do Terminal do
Porto Graneleiro*

PORTO VELHO, RO, 12 DE ABRIL DE 1997

Eu peço que, no momento em que eu acionar este botão, as bandeiras do Brasil tremulem por toda a Rondônia e que nós, com o nosso entusiasmo, calemos a boca de quem não tem educação, nem respeito, nem a Rondônia, nem ao povo e nem ao Brasil.

O selo que eu vou carimbar é alusivo aos quinhentos anos de descoberta do Brasil.

Senhor Governador do Estado, Dr. Valdir Raupp; Senhor Ministro dos Transportes, Alcides Saldanha; das Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Vice-Governador, Aparício Carvalho; Governador de Mato Grosso, Dante de Oliveira; Senhores Senadores; Deputados Federais; Deputados Estaduais; Senhores Prefeitos da capital, de toda a região; Senhor dirigente e funcionários do porto graneleiro de Porto Velho e da Usina de Samuel; Meus companheiros; Brasileiros e Brasileiras,

Eu já não tenho mais palavras para me referir, hoje, e desde ontem, a este povo da região amazônica. Eu já não tenho mais como agradecer o fato de que esta região, que há tanto tempo parecia estar letárgica, há

tanto tempo não tocada nas cordas do coração dos brasileiros, hoje, teve a capacidade, ela sim, de fazer-nos ver a nós, dirigentes do Brasil, homens de outras áreas do Brasil, que ela é a própria razão deste país ser tão poderoso, tão grande e tão promissor.

Sou eu que venho aqui, humildemente, a Porto Velho, agradecer. Agradecer à família Maggi que teve a iniciativa, agradecer ao Governador Raupp, agradecer aos dirigentes de Samuel, como agradei esta manhã ao Governador Amazonino Mendes e, ontem, a todo o povo de Roraima. Nós estamos refazendo a geografia do Brasil. Talvez, quem sabe, no futuro, como disse o Ministro Saldanha, mesmo os que hoje, por desinformação, e há que compreendê-lo, há que ter paciência, há que ter generosidade, há que entender que na democracia, ao som da liberdade, é necessário que vozes gritem, mesmo que gritem palavras confusas, que não chegam nem sequer a ferir os nossos ouvidos, porque não são ouvidas.

Mas vão entender todos, no futuro, que a Amazônia agora é outra, e que aquilo que faltava aqui, a este povo, é o povo quem o tem, é a consciência de cidadania, é povo que sabe o que é necessário e que, portanto, faz com que nós, outros, dirigentes nacionais, dirigentes estaduais, municipais, comunitários, todos, nos unamos, porque há momentos em que mais forte que o interesse de cada um de nós, é o interesse da população. E a população da Amazônia precisa de energia, precisa de transportes, precisa de produção agrícola, precisa de trabalho, precisa de prosperidade. Aqui, hoje, é um gesto simbólico para mostrar que nós estamos trilhando esse caminho, que é um caminho do renascimento da Amazônia. Bastava ver, com eu vi esta manhã, lá no Porto em Itacoatiara, um navio grande, carregado com 53 mil toneladas de soja. E essa soja vai chegar em Amsterdã, ou onde seja, na Europa, com um custo extremadamente reduzido, uma redução que vai variar de 30 a 60%, dependendo da nossa capacidade de aumentar a nossa produtividade e de aumentar a nossa capacidade de entendimento.

E lá em Itacoatiara se entronca o Rio Madeira pelo Rio Amazonas e desce a BR-174, que vem de Roraima, e, a partir dali, como que renasce o impulso novo da Amazônia para conquistar o mundo afora. E nesta

luta, que é luta de todos nós, brasileiros, num mundo de competitividade, nós temos que estar unidos, porque se nós não estivermos unidos, perderemos a batalha. E vamos ganhar a batalha unindo os brasileiros, fazendo com que todos sintam que, mais forte do que tudo, é a necessidade imperiosa de nos colocarmos à altura das exigências do momento histórico. Faremos, sim, mais pela energia da Amazônia.

Nesta manhã disse – o Ministro Brito repetiu e eu confirmo: o gás de Urucu, mais cedo ou mais tarde – quanto mais cedo, melhor – vai servir para a energia elétrica, aqui, em Rondônia, também, assim como fará na Amazônia e na parte oriental do Amazonas e do Pará. Vamos, sim, fazer.

Para isso, é preciso governos sérios. É preciso governos que não tenham feito o que se fez, infelizmente, no Brasil. E, se hoje o Beron-Banco do Estado de Rondônia tem dificuldades, é porque houve governos irresponsáveis, que roubaram. E isso acabou neste Brasil novo. Então, nós, hoje, podemos descortinar o futuro e ter uma motivação patriótica que nos leva a trabalhar com afinco pela transformação das coisas.

Faltarão muito esforço para que o gás de Urucu se transforme em energia elétrica aqui, mas a Petrobras fará esse esforço. A Eletrobrás, no que for necessário, fará sua parte. E o Governo Federal, unido aos governos estaduais, tem a responsabilidade de transformar em realidade um sonho. Assim como estamos fazendo um esforço na parte energética, estamos fazendo um grande esforço para voltar a perceber que, sem estradas, não há integração nacional possível, nem há expansão do Brasil no comércio exterior. Precisamos, sim, de estradas.

Houve quem dissesse, aqui, que o começo de tudo isso foi o Plano Real. E é verdade. Se não fosse o Plano Real, a inflação estaria comendo o salário de todos nós, arruinando os brasileiros. Em benefício de quem? De meia dúzia de especuladores e de banqueiros. Hoje, não. Hoje, o brasileiro sabe o valor da moeda. Hoje, ele pode calcular, ele pode estimar, ele pode prever e ele pode cobrar, também, dos responsáveis, por terem feito ou não terem feito o que é necessário.

E nesse novo momento, nós começamos a reorganizar o País. As estradas começam, depois de décadas, ou de década, pelo menos, começam a chamar, de novo, a atenção dos governantes. Na 364 ainda faltam

200 quilômetros, que faremos, Governador, faremos. Buscaremos os moldes para fazê-lo, não com precipitação e não prometendo sem poder cumprir, nem pagando com dinheiro podre da inflação. Não. Faremos buscando apoio da iniciativa privada. Faremos buscando financiamento. Faremos botando em ordem o Tesouro Nacional e os tesouros estaduais, aplicando – aí, sim – a rédea curta, para que os gastos sejam bem feitos e as prioridades atendam ao interesse popular. Mas nós faremos esses 200 quilômetros, como eu disse, hoje, de manhã, e também vamos fazer as ligações necessárias para que a Chapada dos Parecis possa ter uma ligação de estrada melhor, que hoje é estadual. Poderemos, quem sabe, em cooperação com a iniciativa privada e com o BNDES, transformar aquela estrada, que vai ligar a parte da Chapada dos Parecis produtiva ao porto, aqui, à BR-364, para que nós possamos, então, produzir mais e exportar mais ainda.

E nada disso será possível se nós não tivermos a capacidade que, hoje, podemos dizer com tranqüilidade que temos, de repor a produção agrícola nacional no patamar necessário. Quando eu assumi o Governo e durante a campanha eleitoral, quantas vezes me reuni com produtores rurais. Naquela época, a reivindicação era uma só: era acabar com a TR. Cadê a TR? Acabou, na agricultura. Não existe mais. Nós, hoje, temos um financiamento de outro tipo. Cumprimos o prometido. Baixamos as taxas de juros. Continuamos baixando as taxas de juros. Demos financiamento. No ano passado, o financiamento da safra foi feito no mês de junho. Neste ano, quem sabe, o Ministro da Agricultura, que aqui está presente, possa oferecer um plano de safra no mês de maio, para que nós possamos saber, o produtor e o trabalhador, quando e onde vai ter o recurso e onde vai colocá-lo.

Hoje – e já o disse o Governador Raupp – os prognósticos da produção agrícola são muito bons. Só em grãos, ele mencionou 83 milhões de toneladas. Eu sou mais cauteloso. Mas, pelo menos, 81 milhões de toneladas. E vamos esperar que cheguemos aos 83 milhões. E isso é recorde histórico, talvez o segundo maior produto da nossa agricultura, da nossa história. E isso no que diz respeito aos grãos, soja, milho e por aí vai.

Mas não é só a questão do grão. Nós temos que produzir também frutas, para exportar e para consumir; nós temos que melhorar o café; nós temos que fazer da agricultura, realmente, um esteio importante desse país, para que ele tenha o tempo necessário para fazer os investimentos que são agregadores de valor e para que a nossa indústria tenha o tempo – que está tomando a sério de tê-lo também – para que ela possa produzir e competir e exportar valor agregado e nós termos condições – aí, sim – de dizer: o crescimento será sustentado numa taxa, razoável, de 6, 7% ao ano.

Estamos fazendo, estamos reconstruindo o Brasil. E a alegria que nos dá reconstruir o Brasil, a certeza que nós todos temos de que estamos criando um Brasil sério, um Brasil próspero, um Brasil no qual nós, que o dirigimos, não temos temor do povo. Em qualquer lugar em que estejam, sejam a favor ou sejam contra, o Presidente conversa e dialoga, dá a mão, estende a mão. E os que não quiserem dá-la, o que se pode fazer, se não percebem a grandeza da História?

Mas as mãos estão estendidas a todos os brasileiros, estão estendidas porque há momento de convergência. E o Brasil vive, hoje, um grande momento de convergências, um momento em que nós sabemos que obras como esta, que, simbolicamente, ao apertar um botão, lá adiante, a esteira se põe a funcionar e o grão flui diretamente para a barçaça, que foi financiada pelo BNDES e pela iniciativa privada, junta à iniciativa do Estado, que vai subir por esse rio Madeira afora, que estará vigiado pelos satélites para informar mais depressa, de maneira mais adequada, a navegabilidade dos nossos rios amazônicos, e que vai chegar lá, em Itacoatiara, e, de novo, vai encontrar a empresa Hermasa de mãos dadas com o Governo e com a iniciativa privada, portanto, também ajudando, ao fazer tudo isso, ao apertar esse botão, de alguma maneira, nós estamos mostrando que estamos integrando, de novo, o Brasil. E integrando como hoje se faz. Não integrando, pura e simplesmente, passando pelo Sul. Mas integrando, sabendo, como nós sabemos, que o Brasil é nosso, em todas as direções, que a direção do Brasil é onde está um brasileiro, que aqui não há mais regiões em que umas têm privilégio e outras não têm, que é um Brasil, hoje, que sabe que a sua potenci-

alidade se multiplica, quando cada região, ao olhar a outra e ao ver a prosperidade da outra, percebe que essa prosperidade sustenta as bases para o futuro da sua própria prosperidade amanhã.

Eu, que sou de São Paulo e que nasci no Rio, que sinto um coração brasileiro, em cada pedacinho do solo em que me encontro, eu posso dizer, com toda a tranqüilidade: este pedaço do Brasil, esta fronteira do Brasil é o que faz com que, hoje, a esperança que foi um avanço havido no passado e que levou à industrialização, que levou à urbanização, que levou, realmente, a que nós começássemos a sentir o peso da nossa presença no mundo, pois é este pedaço de chão, que é mais remoto, que está mais para oeste e mais para o norte, o que vai assegurar, amanhã, que aquele primeiro pedaço a que me referi e que já tem sua prosperidade possa continuar a tê-la, porque nós não teríamos condições de distribuir só o que nós temos de prosperidade, porque seria distribuir somente uma mediocridade em termos de riqueza. Temos que produzir mais para que a distribuição seja mais igualitária. E para que isso ocorra, é preciso uma incorporação muito viva de toda essa região do Centro-Oeste, de toda a Região Amazônica. É isso, Governador; é isso, Senhores Senadores e Senhores Parlamentares; é isso, Senhores Ministros e povo de Porto Velho, é isso que nós estamos fazendo.

Aqui, ao olhar, ao ver oficiais da nossa Marinha, do nosso Exército e das nossas Forças Aéreas, a gente vê que, hoje, no Brasil, nós somos uma só coisa, não há mais separação entre nós. Nós somos todos patriotas. E viva esse povo!